

Enunciados de potencial metaforicidade: o dito e o implícito

Énoncés de métaphoricité potentielle: le dit et l'implicite

Décio Rocha

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ – Rio de Janeiro – Rio de Janeiro – Brasil

Resumo: Este trabalho tem por objetivo explorar a metaforicidade potencial de um enunciado, buscando surpreendê-la em sua formação no curso de uma troca verbal autêntica. Para tal, escolheu-se trabalhar com um sintagma explorado em diversas manchetes da mídia - “estragar a Páscoa” -, extraído de pronunciamento do presidente do Superior Tribunal Militar, general Luis Carlos Gomes Mattos, em 19 de abril de 2022, em resposta à divulgação de áudios que denunciavam a prática da tortura no Brasil do período ditatorial. A noção de metaforicidade indicará a propriedade de uma expressão que, tomada inicialmente em sua acepção básica, autoriza, em um segundo momento, uma leitura potencialmente metafórica. Foram adotados os seguintes dispositivos teórico-metodológicos: (i) a identificação de metáfora idealizada pelo grupo Pragglejaz (2007), objetivando captar a produção de uma leitura metafórica do referido sintagma com base em um funcionamento assentado na ironia; (ii) trabalhos de Voloshinov (1981[1926])¹ sobre entonação e gestos, além das contribuições de Lakoff e Johnson (2002[1980]), Vereza (2007; 2010; 2013), entre outros. Avalia-se a contribuição metodológica oferecida por cada um desses dispositivos e confirma-se a ideia de uma metaforicidade potencial do sintagma em análise, tendo em vista atualizações de usos da expressão nas mídias já claramente metafóricas e, por certo, políticos. Do exposto, conclui-se que, no contexto investigado, a metaforização funciona como traço de responsividade do enunciado, quando o projeto do interlocutor é desqualificar eticamente gestos de ironia que se apreendem como significado básico de um enunciado.

Palavras-chave: Metaforicidade potencial. Ditadura no Brasil. Procedimento de Identificação de Metáfora. Responsividade. Implícito.

Résumé: Ce travail vise à explorer la métaphoricité potentielle d'un énoncé dès les débuts de sa formation au cours d'un échange verbal authentique. À cette fin, on a choisi de travailler avec un énoncé exploré dans plusieurs titres médiatiques - "gâcher Pâques" -, extrait le 19 avril 2022 d'une déclaration du président du Tribunal Supérieur Militaire, le général Luis Carlos Gomes Mattos, en réponse à la divulgation d'audios qui dénonçaient la pratique de la torture au Brésil pendant la période dictatoriale. La notion de métaphoricité indiquera la propriété d'une expression qui, prise initialement dans son sens de base, autorise, dans un second temps, une lecture potentiellement métaphorique. On a adopté les dispositifs théorico-méthodologiques suivants: (i) la procédure d'identification des métaphores conçue par le groupe Pragglejaz (2007), dans le but de saisir la production d'une lecture métaphorique dudit syntagme basée sur un fonctionnement fondé sur l'ironie ; (ii) les travaux de Voloshinov (1981[1926]) sur l'intonation et le geste, et aussi les contributions de Lakoff et Johnson (2002[1980]), Vereza (2007; 2010; 2013), parmi d'autres. La contribution méthodologique de chacun de ces dispositifs est évaluée et on confirme l'idée d'une potentielle métaphoricité du syntagme analysé, compte tenu des usages de l'expression dans les médias déjà clairement métaphoriques et évidemment politiques. De ce qui précède, on peut conclure que, dans le contexte concerné, la métaphorisation fonctionne comme un trait de responsivité de l'énoncé, lorsque le projet de l'interlocuteur est de disqualifier éthiquement le geste d'ironie appréhendé dans l'énoncé dans son sens premier.

Mots-clés: Métaphoricité potentielle. Dictature au Brésil. Procédure d'Identification de Métaphores. Responsivité. Implicite.

¹ Nas referências bibliográficas, após indicar o ano da edição consultada e, se for o caso, o número da página citada, acrescento, entre colchetes, o ano da primeira publicação da obra.

1 Introdução

A relevância dos estudos sobre a metáfora vem sendo progressivamente reafirmada com a superação de uma antiga perspectiva que a concebia como mero recurso estilístico de beletrismo, passando, então, a ser reconhecida sua importância no campo da cognição humana, a exemplo das contribuições da teoria da metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2002[1980]): uma concepção de metáfora – e, acrescente-se, também de metonímia – compreendidas como fenômenos do pensamento que se manifestam “como processos cognitivos normais e recorrentes” (SILVA; LEITE, 2015, p.1-2) amplamente compartilhada pelos pesquisadores da área.

Estudos recentes iluminam um tríplice estatuto da metáfora: para além do cognitivo, sua dimensão pragmática, a exemplo dos estudos em argumentação (VEREZA, 2007), e social, explicitada pela interligação entre mente, sociedade e linguagem (VEREZA, 2010; 2013). No contexto de tal diversidade de funções, foi o funcionamento da metáfora como constituinte intrínseco da cognição humana que lhe conferiu um lugar de relevo, como bem o demonstram Tsallis *et al.* (2003), em um estudo experimental que compara a cognição humana e a “cognição” por computador, no qual os autores recorrem à designação “*homo metaphoricus*” (TSALLIS *et al.*, 2003, p.8) para circunscrever a produção de metáforas como sofisticada possibilidade cognitiva do homem, situada muito além do que se exige nas decisões binárias realizadas pelo computador.²

Considerando o consenso de se trabalhar não mais com enunciados fabricados pelo pesquisador, mas com usos autênticos do fenômeno em trocas verbais de diferentes ordens, as novas perspectivas sobre a metáfora vêm se alinhar com a opção que faço por um trabalho em análise do discurso em sua

vertente cartográfica (DEUSDARÁ; ROCHA, 2021), que pressupõe a explicitação de forças em ação nos textos, produzindo-se deslocamentos que acompanharemos especialmente em função do que ora chamo de metaforicidade potencial dos enunciados.

Um entendimento bastante difundido de metaforicidade é aquele que, nos dicionários, define o conceito como “o fato ou a qualidade de algo ser metafórico”. Dienstbach (2017), no entanto, percebe que a referida definição não recobre uma dimensão central do conceito, a saber, o fato de existirem diferentes graus de metaforicidade, ideia que, desenvolvida por Pauwels (1995), Dienstbach também subscreve. Desse modo, vista como “o grau em que uma metáfora é metafórica” (DIENSTBACH, 2017, p.1769), a metaforicidade não seria um traço inerente a um dado item lexical ou expressão, sendo, antes, pensada como “a possibilidade de uma metáfora ser reconhecida como tal” em função de seu contexto de ocorrência, o que implica dizer que a metaforicidade é gradual. Em outras palavras, as metáforas se situariam sobre uma linha que iria de um grau máximo a um grau mínimo de metaforicidade. Dienstbach acrescenta ainda que a metaforicidade seria um aspecto do gênero: “as expectativas (relativas à ocorrência de metáforas) pertinentes ao *frame* de cada gênero ora incentivariam, ora constrangeriam o uso de recursos de ativação da sua metaforicidade.” (DIENSTBACH, 2017, p. 1775).

No contexto do presente trabalho, falarei de metaforicidade para me referir à potencialidade de um item lexical ou expressão admitir – ou mesmo exigir – uma leitura metafórica, isto é, a metaforicidade será entendida como uma virtualidade de itens lexicais ou expressões, concepção que reitera um certo entendimento das práticas languageiras como forças em devir e da própria metáfora como movimento, posição condizente com a etimologia do termo:

[...] o movimento é uma passagem, e a passagem é uma tradução. [...] Não é um simples jogo de palavras se “traduzir” é traduzido em alemão por “*übersetzen*”, que,

² Os autores tomam por base o conceito de não extensividade, o qual, em mecânica estatística, se refere a correlações de longo alcance, e acrescentam que a “não extensividade constitui a estrutura necessária para fazer metáforas” (TSALLIS *et al.* 2003, p.7). Isso significa, como dizem os autores, que, sem correlações de longo alcance na mente, seria impossível fazer metáforas.

por sua vez, é traduzido em grego por “*meta phorein*”, ou metáfora (DE MAN, 1978, p.17)

Considerando a pertinência de se tratar a metáfora em enunciados efetivamente atestados em trocas verbais, chamou-me a atenção o pronunciamento do general Luis Carlos Gomes Mattos, presidente do Superior Tribunal Militar - STM, na abertura da sessão de 19 de abril de 2022, em comentário a fato que era então noticiado pelas mídias (MATTOS, 2022). Resumidamente, o trecho da fala do presidente do STM se inicia com a referência a uma matéria divulgada em dia festivo – domingo de Páscoa, 17 de abril de 2022 – sobre áudios de denúncia de atos de tortura praticados por militares no período da ditadura instaurada no Brasil em 1964. No referido pronunciamento, o general reafirma sua decisão de nada responder a comentários que qualifica de “tendenciosos”, que “não estragaram a Páscoa de ninguém” e cujas razões todos conhecem.³ Uma transcrição do trecho do pronunciamento do presidente do STM encontra-se em anexo.

Neste trabalho, acompanharei a trajetória do sintagma “não estragaram a Páscoa de ninguém”, desde sua acepção mais básica, até as reações que a ele se seguiram, já claramente produzidas em um registro metafórico. Dialogarei com textos da mídia veiculados em três momentos consecutivos, os quais definirão três etapas de produção de nosso *cópus*⁴: inicialmente, o próprio pronunciamento do presidente do STM; em seguida, manchetes publicadas na mídia para divulgação do pronunciamento, que foi considerado desrespeitoso em relação à condição dos torturados; finalmente, novas notícias que reagem ao pronunciamento do general, as quais

³ Certamente uma alusão a ações que se explicam pela proximidade das eleições presidenciais de outubro de 2022. Assim, contrariando sua decisão de nada responder, o presidente do STM já indica, implícita e explicitamente, muito do que caracteriza seu posicionamento em relação às torturas praticadas por governos militares.

⁴ Tendo em vista a constância do uso de “*cópus*” na área dos estudos da linguagem, penso ser tempo de contribuir para que o termo alcance sua “cidadania” em língua portuguesa, sendo dicionarizado em uma única forma no singular e no plural, a exemplo de “*bônus*”. Uma rápida busca da grafia “*cópus*” na internet já nos indica ser essa uma iniciativa apoiada por muitos.

autorizam uma leitura metaforizada do sintagma “estragar a Páscoa”.

Ainda em relação ao *cópus* produzido para análise, trata-se de uma exemplar manifestação da conceituação de discurso entendido como prática discursiva (MAINGUENEAU, 1989, p.56[1987]), conceito que pressupõe uma articulação entre textos e comunidade discursiva.⁵ Como será visto, o texto produzido pelo presidente do STM pressupõe um certo acordo ou consenso entre as partes (torturados e torturadores); já os textos que reagem ao pronunciamento do general deixam clara a formação de duas comunidades em embate - apoiadores e opositores da ditadura militar. A produção da ironia e, posteriormente, da metáfora como forças agindo na produção de efeitos de sentido nos textos são dispositivos que confirmam a ideia de linguagem-intervenção (ROCHA, 2006; 2014), quando a linguagem não representa, mas produz uma certa realidade.

2 Ciência e mídia: um diálogo oportuno

Neste tópico, meu objetivo é enfatizar os vínculos que se estabelecem entre discursos da ciência e discursos da mídia, numa primeira avaliação do alcance político do trabalho acadêmico quando se lida com a história do tempo presente.

O pronunciamento do presidente do STM diz respeito à divulgação de vídeos em 17 de abril de 2022, por iniciativa da jornalista Míriam Leitão, denunciando torturas praticadas no período de ditadura militar no Brasil. Os registros em vídeo foram cedidos pelo historiador e pesquisador da Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor Carlos Fico, em um gesto de apoio à jornalista, cujo relato de torturas sofridas no referido período de repressão fora colocado em dúvida pelo deputado federal Eduardo Bolsonaro, que exigia provas das torturas praticadas. Se eram necessárias provas,

⁵ O conceito de prática discursiva explicita a dupla face, social e textual, do discurso. De modo breve, direi que comunidades discursivas produzem textos e textos produzem (isto é, dão visibilidade a) comunidades discursivas. Um mecanismo que implica uma reversibilidade essencial, segundo Maingueneau (1989, p.56[1987]).

pensou o historiador, ele próprio, Carlos Fico, poderia fornecê-las.

Especialista em história do Brasil contemporâneo e responsável por pesquisas voltadas para o período de ditadura militar no país, Carlos Fico participou, ao lado do advogado Fernando A. Fernandes, da requisição dos referidos registros por intermédio de ação impetrada no Supremo Tribunal Federal no ano de 2006, e somente em 2015 o material foi digitalizado. As informações que se seguem foram extraídas de duas entrevistas concedidas pelo historiador e postadas no Youtube: a primeira, com duração de 15 min 20 s, concedida ao jornal da CBN, em 18 de abril de 2022 (FICO, 2022a); a segunda, com uma hora de duração, à educadora Andrea Trus, no site Brasil 247, em momento posterior ao pronunciamento de 19 de abril do presidente do STM (FICO, 2022b). Nelas, o pesquisador expõe suas razões para trabalhar com os referidos áudios: enquanto cientista, tinha por objetivo saber se, no STM, os julgamentos de supostos crimes políticos do período de ditadura eram regidos por princípios assentados na Constituição vigente ou nos Atos institucionais, leis de exceção produzidas pelos governos militares.

A relevância do referido trabalho é justificada pelo próprio pesquisador: enquanto alguns historiadores viam como contraditório o fato de os militares terem optado por manter a constituição de 1946 (e, posteriormente, as de 1967 e 1969), ao lado das leis de exceção, Fico (2022b) considera não haver contradição alguma, uma vez que, se os militares não haviam rompido de vez com a legalidade constitucional, era porque seu projeto consistia justamente em introduzir na própria Constituição do país instrumentos de segurança do Estado extremamente rigorosos (instrumentos promotores do “estado de sítio”, velho sonho autoritário para tutela da sociedade, segundo o historiador). Das dez mil horas de gravação que cobrem o período de 1975 a 1985, o pesquisador já pôde analisar os áudios produzidos até 1979, momento da promulgação da lei de anistia.

Ao final da entrevista concedida no sítio Brasil 247, Fico apresenta seu ponto de vista acerca da pertinência de uma conexão entre trabalho acadêmico e intervenção na realidade: refletir sobre temas como militarismo, autoritarismos, negacionismo, interferir no debate político, avaliando criticamente o passado junto ao grande público; e ainda como repercussões da divulgação desses vídeos, interferir no curso dos acontecimentos e impactar as pessoas, incentivando escolhas eleitorais que promovam democracia, principalmente em se tratando de um ano eleitoral, como é o caso de 2022.

3 Desenvolvimento: o consenso das mídias sobre um dado enunciado

De toda a fala do presidente do STM em 19 de abril de 2022, um mesmo trecho se destacou e gerou manchetes em diferentes mídias: “*garanto que [a denúncia] não estragou a Páscoa de ninguém, que a minha não estragou... viu ... garanto que não estragou a páscoa de nenhum de nós...*” (MATTOS, 2022).⁶ Seguem alguns dos enunciados publicados como manchetes, confirmando um certo “consenso das mídias”:

'Não estragou a Páscoa de ninguém', diz presidente do STM ... (boadcast político 19/04)

Presidente do STM: 'Áudios não estragaram a Páscoa de ninguém (pleno.news,19/04/22)

Presidente do STM despreza divulgação de áudios que comprovam tortura na ditadura. [...] “Garanto que não estragou a Páscoa de ninguém” (Tribuna da imprensa,19/04/22)

Presidente do Superior Tribunal Militar ironiza áudios sobre tortura: 'Não estragaram a minha Páscoa'... (Carta Capital, 19/04/22)

Relato de tortura “*não estragou a Páscoa*”, diz presidente do STM (Poder 360, 19/04/22)

Gomes de Mattos desdenha divulgação de áudios da ditadura. [...] “Garanto que não estragou a Páscoa de nenhum de nós ...” (Leia já, 19/04/22)

Superior Tribunal Militar ignora denúncias de tortura: “*não estragou a Páscoa de ninguém*” (É assim, 19/04/22)

Presidente do STM minimiza áudios da ditadura: 'Não estragou a Páscoa de ninguém'. (Jovem Pan, 20/04/22)

⁶ O trecho que alimentou as manchetes nas mídias tem a duração de apenas 10 segundos, contados a partir de 1 minuto e 57 segundos do início do pronunciamento do general.

Por que justamente aquele enunciado, e não outro qualquer, foi o que funcionou como chamada de manchetes e telejornais a partir de 19 de abril? Segundo procurarei justificar, a escolha de tal enunciado tem a ver com seu potencial metafórico, o qual se atualiza por intermédio de uma abordagem irônica da situação.

Para lidar com a questão que ora se coloca, além das referências anteriores a trabalhos que circunscrevem a metáfora, duas foram as escolhas teórico-metodológicas feitas: a perspectiva sobre metáfora, de Voloshinov (1981[1926]), e o “procedimento de identificação de metáfora” (MIP – “*Metaphor Identification Procedure*”) idealizado pelo grupo Praggeljaz (2007) em artigo voltado para a distinção entre uso básico e uso metafórico de um termo. Com base em tais reflexões, formulo a seguinte questão: qual a efetiva contribuição metodológica de cada um desses dispositivos para a apreensão de um uso metafórico de uma dada expressão? Início pelas considerações de Voloshinov (1981, p.196 [1926]): “a entonação cria a metáfora”.⁷ E, segundo será visto adiante, os gestos também.

3 Entonação e Metáfora

Em “O discurso na vida e o discurso na poesia”, texto de Valentin Voloshinov, o autor traz uma importante contribuição para os estudos da metáfora por meio de uma reflexão sobre a articulação entre materialidade verbal e situação extraverbal. Refiro-me à noção de “metáfora de entonação” formulada pelo autor (VOLOSHINOV, 1981, p.197 [1926]), objeto de discussão do presente tópico. Para se compreender a relevância e o modo de funcionamento da referida categoria de metáfora, é preciso resgatar o lugar da entonação (e, como veremos, dos gestos) na produção do enunciado.

Segundo Voloshinov, o enunciado se compõe de duas partes: uma parte verbal explícita e uma parte subentendida, produto de elementos presentes na situação indispensáveis à compreensão

⁷ Tradução nossa, procedimento a ser adotado em todo o texto.

do que se diz.⁸ Essa parte subentendida do enunciado é o que há de objetivo e social, pois “só pode se tornar parte subentendida do enunciado aquilo que nós, locutores, conhecemos, vemos, admiramos e reconhecemos, o que é comum a todos nós e o que nos une.” (VOLOSHINOV, 1981, p. 191 [1926]). Segundo o autor, é a entonação que nos permite recuperar o subentendido que habita todo enunciado enquanto sua parte social. Com efeito, a entonação “conduz de algum modo o discurso para fora de seus limites verbais” ao estabelecer a ponte com o extraverbal (VOLOSHINOV, 1981, p. 193 [1926]).

O autor exemplifica o lugar ocupado pela entonação na explicitação dessa parte subentendida do enunciado por meio do relato de uma troca verbal extremamente simplificada: “*dois homens se encontram no interior de um cômodo. Silêncio. Em seguida, um deles diz: ‘Aí está.’*”⁹. O outro não responde nada” (VOLOSHINOV, 1981, p. 189 [1926]). Como se percebe, “Aí está” é um enunciado que não traz um conteúdo explícito e que só será compreendido quando se conhecer a situação: já é abril e o inverno não vai embora – a cena se passa no hemisfério norte –, contrariando a expectativa dos interlocutores, que anseiam pela chegada da primavera. Só assim se compreende a entonação de ressentimento ou decepção do locutor diante do indesejado prolongamento do tempo frio que se comprova através da janela, e mais: para além da decepção, sua indignação e reprovação. É diante de tal contexto enigmático que o autor se pergunta então:

A quem se dirige essa reprovação? Evidentemente não ao ouvinte, mas a um outro, e essa direção do movimento da entonação desvenda a situação, abrindo espaço para um *terceiro participante*. Quem é, então, esse terceiro? (VOLOSHINOV, 1981, p.195 [1926]).

⁸ Isso faz do enunciado cotidiano algo de comparável ao entimema, forma de raciocínio silogístico em que uma das premissas permanece subentendida (VOLOSHINOV, 1981, p. 191[1926]).

⁹ Na versão em francês consultada, “*Voilà!*”.

A reprovação produzida é, certamente, efeito da entonação dirigida ao responsável pelo mau tempo. Uma metáfora de entonação em seu estado puro, diz Voloshinov, a qual poderia a qualquer momento se desenvolver em uma metáfora semântica, sendo, então, produzido um enunciado do tipo “Como o inverno é teimoso! Ele não quer se render, mas já está mais do que na hora!” (VOLOSHINOV, 1981, p.196 [1926]).

A noção de metáfora de entonação se explica pelo fato de que, se percebemos que o enunciado corresponde, por exemplo, a uma reprovação, isso não pode ser atribuído à semântica das palavras: o locutor disse apenas “aí está!”, e nada mais. É a entonação que é responsável pela produção desse efeito de sentido que remeterá à ideia de decepção e reprovação. Diz Voloshinov que, no discurso cotidiano, a entonação é bem mais metafórica do que as próprias palavras.

Ao lado da metáfora de entonação, o autor também propõe a metáfora do gesto, noção que compreende tanto a mímica quanto as expressões faciais.¹⁰ Tal metaforicidade do gesto se atualiza na própria voz do autor:

“No gesto sempre se encontra adormecido o embrião do ataque ou da defesa, da ameaça ou da ternura; o espectador e o ouvinte desempenham o papel de aliados ou de testemunhas. [...] Frequentemente, em um acesso de raiva, acontece-nos de erguer o punho no vazio ou mesmo simplesmente de lançar um olhar feroz que não é dirigido a ninguém em particular; inversamente, podemos sorrir por assim dizer para qualquer coisa: para o sol, para as árvores, para nossos pensamentos.” (VOLOSHINOV, 1981, p.197 [1926]).

Assim é que, pela entonação e pelo gesto, o sujeito estabelece uma relação objetiva e ativa com o mundo exterior, engajando-se socialmente e posicionando-se em relação aos valores, razão pela qual o autor considera que a essência sociológica do discurso é o enunciado concreto, que acompanha de perto os meandros da interação dos participantes, e não a abstração linguística.

¹⁰ Em Pragglejaz (2007, p.35) também há uma referência à metáfora gestual.

Da análise proposta por Voloshinov ao caminho percorrido no cópuz produzido para o presente artigo, registro três breves deslocamentos: (i) a análise que ora proponho inclui a explicitação do que Voloshinov denominou metáfora semântica; (ii) antes da manifestação da metáfora e como efeito da entonação e da gesticulação, interpõe-se uma etapa de produção de um enunciado irônico¹¹; (iii) o enunciado metafórico que se segue ao irônico é assumido por um outro enunciador que não o do enunciado irônico. É o que procurarei demonstrar nos próximos tópicos.

3.2 O MIP: um dispositivo para recuperação de metáforas

O texto do pronunciamento do presidente do STM exhibe uma expressiva presença de metáforas já plenamente realizadas. Se a proposta deste artigo é acompanhar de que modo um determinado enunciado, inicialmente apreendido em seu significado mais básico, passa a admitir uma leitura metafórica, então julgo fundamental a explicitação do que nele já se manifesta metaforicamente. Para apreender tal dimensão já claramente metafórica, recorro ao procedimento de identificação de metáforas (MIP) idealizado pelo grupo Pragglejaz (2007, p.3)¹², em seus quatro passos e, para tal, ilustrarei com fragmentos do cópuz os procedimentos preconizados.

O MIP é definido como “um método explícito que pode ser empregado de modo confiável para identificar palavras usadas metaforicamente no discurso”, um método “tão simples quanto possível” (PRAGGLEJAZ GROUP, 2007, p. 1; 36)¹³, adequado ao trabalho com enunciados orais ou escritos. São os seguintes os passos preconizados pelo MIP:

¹¹ Antecedendo a produção de um efeito metafórico no exemplo trabalhado por Voloshinov, também poderíamos postular a presença de um enunciado irônico, a exemplo de “*Que tempo maravilhoso está fazendo hoje!*”.

¹² Ao final do artigo, informa-se que eram 10 os pesquisadores de origem do referido grupo, localizados em universidades em Hong Kong, Estados Unidos, Reino Unido, Holanda e Hungria.

¹³ A respeito de procedimentos de identificação de metáforas, são indicadas no artigo as vantagens do procedimento MIP em relação a propostas como as de Lakoff; Johnson (1980[2002]) e Schmitt (2005).

- (i) ler todo o texto para alcançar uma compreensão geral de seu sentido;
- (ii) identificar o significado de cada unidade lexical do texto, indagando se, em outros contextos, essas unidades lexicais possuem um significado contemporâneo mais básico (isto é, mais concreto, mais preciso, mais antigo, relacionado a uma ação corporal) do que o significado que se atualiza no texto;
- (iii) avaliar se o sentido contextual¹⁴ contrasta com o sentido básico, podendo, no entanto, ser compreendido por meio de uma comparação com ele;
- (iv) Em caso afirmativo, considerar como metafórica a unidade lexical em questão.

Não reproduzirei aqui a análise pormenorizada de cada item lexical do cópuz, pois o procedimento se revelaria excessivamente longo e constituiria um desvio em relação aos objetivos centrais do artigo. Apresentarei apenas os sintagmas que, com base nos quatro critérios anteriormente apontados, permitiram identificar 22 itens metafóricos, os quais destaco em itálico em seguida:

comentários contra o nosso Tribunal, (ou) contra [né] a justiça militar (1 item)
o ... coronel Campos [...] me passou tudo que que aconteceu
somos absolutamente transparente
por várias direções
querendo atingir forças armadas
que somos quem cuida da... da... disciplina
disciplina, hierarquia, que são nossos pilares
ignoramos uma notícia tendenciosa (2 itens)
não estragou a páscoa
vira e mexe (1 item)
num tem nada pra buscar hoje
rebuscar o passado
só varrem um lado (2 itens)
então, deixa pra lá (1 item)
vamo continuar conduzindo nosso trabalho
nós tamo mostrando isso
às vezes dói
dá vontade de você responder, sacudir,¹⁵
não adianta, [...], num vai num vai adiantar
nada (1 item)

¹⁴ Em relação ao papel do contexto na produção de metáforas, citam-se outros trabalhos: Moura, Vereza; Espíndola (2013) e Bernardo; Velozo; Martins (2016).

¹⁵ Fazemos aqui a opção de entender o uso do verbo *sacudir* como metafórico (comover alguém, fazendo-o perceber algo evidente que não está sendo levado em conta), e não em seu sentido mais básico (agitar alguém em vários sentidos, forte e sucessivamente; fazer tremer), o que significaria uma reedição dos tempos de tortura.

passam ... passam-se os anos (1 item)
(MATTOS, 2022)

Não incluo nessa relação as chamadas metáforas mortas (Pragglejaz 2007, p.30): “não temo resposta nenhuma pra dar”, “dá vontade”, “as mesmas besteiras”, “as mesmas idiotices”; tampouco incluo na contagem das unidades lexicais palavras cuja emissão é interrompida pelo locutor, tendo em vista o que preconiza o grupo Pragglejaz (2007, p.23) em relação ao trabalho com um cópuz oral. Para fins de exemplificação do tipo de avaliação preconizado pelo MIP, apresento resumidamente um resultado do tipo de análise feita, privilegiando, para tal, dois itens dentre os assinalados como metafóricos:

- (i) o item “transparente”, presente em “*somos absolutamente transparente*”. O significado básico do termo é “o que deixa passar a luz e ver nitidamente o que está por trás; límpido, cristalino, claro, luminoso” (HOUAISS, 2001); o significado contextual refere-se ao “que apresenta clareza, exatidão; cuja psicologia é conhecida por todos”. Ao cotejar os dois significados, percebe-se que o significado contextual, em contraste com o significado básico, pode ser compreendido por meio deste: uma pessoa transparente é aquela cujo comportamento nada esconde, deixando-se conhecer pela nitidez de seus atos. Confirma-se, assim, o uso metafórico do termo no contexto indicado.
- (ii) o item “varrem”, presente em “*só varrem um lado*”. O significado básico do verbo varrer é “limpar com vassoura o chão” (HOUAISS, 2001); o significado contextual do item remete a uma operação de remoção de obstáculos que impedem que se compreenda uma situação, dissipando-se qualquer dúvida a respeito, ou esclarecendo o que antes era confuso e opaco. Mais uma vez, compreende-se o significado contextual por comparação ao significado básico, do

qual difere: os que denunciam as torturas praticadas durante o regime militar desejam varrer o terreno, ou seja, possibilitar que se enxergue o que até então se escondia. Ratifica-se, pois, o uso metafórico do item “varrem”.

Nas análises realizadas, tendo em vista a concisão do córpus, não se recorreu a algumas das preconizações de Pragglejaz (2007, p.13), que incluem o preenchimento de uma tabela para reunir detalhes do procedimento utilizado. No entanto, atendeu-se ao imperativo de uma análise da natureza metafórica dos itens presentes no córpus feita por mais de um pesquisador em duas rodadas (PRAGGLEJAZZ, 2007, p.17). Finalmente, a concisão do córpus também pareceu razão suficiente para dispensar qualquer análise estatística de confiabilidade dos resultados. Houve algumas poucas discordâncias na identificação dos itens metafóricos assinalados pelos dois pesquisadores que participaram da atividade, etapa superada por meio de um debate que permitiu que se chegasse posteriormente a um consenso.

3.3 Produção do enunciado irônico: o papel dos implícitos

Localizados os itens metafóricos do pronunciamento em tela, passo ao que é central neste trabalho, a saber, a explicitação de como se manifesta uma metaforicidade que se mostra como potencialidade em um enunciado¹⁶. Tal metaforicidade se depreende com base nas entonações e gestos (VOLOSHINOV, 1981[1926]), componentes implícitos que acompanham o sintagma “(não) estragar a Páscoa”, apresentados no quadro a seguir:

Quadro 1: Expressão facial (bocas e olhos), tom de voz, gesticulação (mãos e ombros) em trecho do pronunciamento do presidente do STM

Traços de entonação e gesticulação	Hipóteses referentes ao significado dos traços localizados
------------------------------------	--

Lábios retesados e cantos da boca torcidos para baixo, com ligeira careta e discreto movimento de cabeça para a frente	Demonstração de uma certa ingenuidade do locutor diante da inutilidade de uma ação; incompreensão e mesmo um certo lamento diante do não funcionamento do que fora planejado pelo outro
Tom da fala deslizando rapidamente para mais agudo numa determinada sílaba	Desprezo, pouca atenção em relação ao que se considera como algo não importante
Olhar que se dirige primeiramente à direita, depois à esquerda, com acentuado giro da cabeça	Busca de manifestações de convivência junto às pessoas presentes
Mãos abertas, palmas das mãos viradas para baixo, tocando-se e, em seguida, separando-se cada uma para um lado, com parada repentina	Conclusão de uma ação de resultados nulos
Ligeiro movimento de elevação dos ombros	Pouco caso em relação ao que se diz

Fonte: o autor do artigo

O dito pelo presidente do STM limita-se a afirmar que as denúncias de tortura não conseguiram estragar a Páscoa, nem a dele, nem a de ninguém. Nas mídias, diz-se que o general debochou, ironizou a iniciativa de denúncia. Com efeito, pressente-se no fragmento algo mais do que o expresso pelo verbal: uma ação de denúncia de tortura praticada em tempos de ditadura militar é projetada para produzir graves efeitos, mas o resultado esperado parece não ser produzido, na perspectiva do general. Seu pronunciamento vem minimizar os resultados obtidos: se a ideia era comprometer seriamente os militares pelos atos de tortura, não se conseguiu sequer estragar a Páscoa das pessoas. E claro que o pretendido era, certamente, muito mais do que apenas atrapalhar os festejos de Páscoa. A fala do general ironiza o resultado pretensamente nulo da ação, e o efeito de ironia e pouco caso origina-se de uma certa simulação de decepção e lamento traduzida por seus gestos e expressões faciais.

Como explicar a produção desse efeito irônico? A entonação e os gestos descritos no

¹⁶ Veremos que tal metaforicidade se explicita a partir da ironia depreendida na situação.

quadro 1 são próprios de quem lamentaria os resultados mal-sucedidos ao se tentar criar uma situação embaraçosa para os militares por meio da denúncia feita, uma encenação de lamento que poderia se desenvolver em algo como: “Que pena as denúncias terem se revelado ineficazes!”. Todos percebem a ironia construída pelo extraverbal, e a mídia também, pois não se pode imaginar que o general sinceramente deplorasse um resultado nulo da ação pretendida. Aí está a ironia. Na realidade, o presidente do STM está satisfeito com o fracasso do outro. Há, portanto, um choque entre o conteúdo do dito, por um lado, e, por outro, o expresso na entonação e nos gestos do locutor. Sob inspiração de Authier-Revuz (1998), direi tratar-se da não coincidência entre as palavras e as entonações e gestos.¹⁷

Porém, o efeito de ironia não é tudo, pois a ironia potencializa a produção da metáfora. O próximo tópico mostrará de que modo se faz o deslocamento do sentido básico (realmente a denúncia ocorre no domingo de Páscoa) ao metafórico (“estragar a Páscoa” na acepção de “estragar a festa ou o bem-estar de alguém”). Certamente um deslizamento metafórico visando a “encostar os militares na parede”, para se recorrer a uma outra metáfora.

3.4 Da ironia à evidência de forças metaforizantes

Se aqui se fala de um certo “projeto de metáfora” no debate sobre “estragar ou não a Páscoa de alguém”, é porque algumas notícias já circulando na mídia parecem dar suporte a essa metaforicidade virtual do sintagma. Senão, vejamos o resultado de uma busca na internet:

(i) Ultrajano, 20 abr. 2022 - <https://www.ultrajano.com.br/o-exercito-estragou-a-pascoa-de-muita-gente/>
O EXÉRCITO ESTRAGOU A PÁSCOA DE MUITA GENTE

por Octavio Costa
[relato do desaparecimento em 1973 de Chiquinho Rodrigues que foi executado por engano durante a ditadura, por ter sido confundido pelos militares com o primo José Francisco Rodrigues, filho de um coronel militante do Movimento Nacionalista Revolucionário]

O Exército, saibam os generais Mourão e Gomes Mattos, estragou a Páscoa da família de Chiquinho. Para sempre.¹⁸

(ii) O Mandato, 20 abr. 2022 - <https://omandato.com.br/ditadura-estraga-a-pascoa-de-muitos-brasileiros-ate-hoje-afirma-romanelli/>

DITADURA ESTRAGA A PÁSCOA DE MUITOS BRASILEIROS ATÉ HOJE, AFIRMA ROMANELLI

“Um despropósito, um desrespeito e uma afronta a todos que sofreram tortura e ainda sofrem com o desaparecimento de entes queridos. O fato concreto é que a ditadura estraga a Páscoa de muitos brasileiros até hoje”, disse nesta quarta-feira, 20, o deputado Luiz Claudio Romanelli (PSD) ao comentar a declaração do presidente do STM (Superior Tribunal Militar), ministro Luís Carlos Gomes Mattos.

(iii) Chumbo Gordo.com.br, abr. 2022
MINHA PÁSCOA ESTRAGADA. Por Myrthes Suplicy Vieira

A bem da verdade, não foi apenas a atual [Páscoa] que foi conspurcada. Foram 21 Páscoas minhas estragadas, justo no período que deveria ter sido o mais produtivo e de mais efervescente participação social da minha vida. Longuíssimos 21 anos em que eu e muitos de meus compatriotas fomos forçados a percorrer em silêncio e impotência todas as estações da Via Crucis da ditadura militar e a reviver em agonia todos os anos o martírio da carne de nossos companheiros seviciada impunemente. Para meu desconsolo, a elas juntam-se agora mais três Páscoas estragadas, contaminadas pelo veneno do descompromisso de nossas elites civis e militares para com a vida e a dignidade humana.

Os três relatos apresentados são posteriores ao pronunciamento do general Luis Carlos Gomes Mattos naquela sessão do STM. Em todos eles é

¹⁷ Em sua abordagem da alteridade, Authier-Revuz aborda quatro formas de não coincidências enunciativas: a não coincidência interlocutiva, a não coincidência do discurso consigo mesmo, a não coincidência entre as palavras e as coisas e a não coincidência das palavras consigo mesmas.

¹⁸ Logo em seguida a essa matéria, encontra-se o comentário de Ivan C. Proença (20 abr. 2022), leitor que reafirma a metaforização de “estragar a páscoa” ao dizer: “*Trata-se de notável depoimento de Octavio Costa. Chocolate muito e muito amargo para os deformados mentais adeptos da tortura.*”.

retomada a ideia de “estragar a Páscoa”. O que se percebe, porém, é já algum afastamento do significado mais básico em proveito de um significado contextual que pode, no entanto, ser compreendido em comparação a ele – razão suficiente para falarmos de metáforização do sintagma, em consonância com o MIP. Com efeito, na primeira notícia, quando se diz que o Exército estragou a Páscoa da família de Chiquinho Rodrigues para sempre, percebe-se que o inexplicável desaparecimento de um familiar não pode ser compreendido como mero embaraço restrito ao dia de Páscoa. “Estragar a Páscoa da família para sempre” significa uma perda prolongada e irreversível da tranquilidade. Da mesma forma, quando a segunda notícia afirma que “a ditadura estraga a Páscoa de muitos brasileiros até hoje”, estragar a Páscoa também não pode ser entendido como obstáculo interposto ao clima festivo e à alegria de um dia específico, mas sim como fator que produz ininterruptamente forte comoção na vida das pessoas. O mesmo ocorre no depoimento de Myrthes: “A bem da verdade, não foi apenas a atual [Páscoa] que foi conspurcada. Foram 21 Páscoas minhas estragadas” e “a elas juntam-se agora mais três Páscoas estragadas”.

Nos três casos relatados, não parece haver dúvida a respeito do deslocamento sofrido por “[estragar a] Páscoa de x”, expressão que passa a ganhar ares de “botar areia nos planos de x”, “atormentar a vida de x”. Desse modo, do emprego de “estragar a Páscoa” como deboche proferido pelo presidente do STM em seu sentido mais básico de quem finge que as denúncias não produziram qualquer efeito, ao “estragar a Páscoa” metafórico de muitos que vivem todos os seus dias em desassossego pela perda de um ente querido, a distância é considerável.

Em breve síntese, a declaração do presidente do STM (“a divulgação dos áudios não estragou a Páscoa de ninguém”), marcada por um tom e uma gesticulação de quem se surpreende com – e lamenta – a ineficácia do ato, produz um efeito de consenso: simulando decepção diante de um pífilo efeito das denúncias, o presidente do STM se solidariza com os

denunciantes, como se com eles integrasse uma mesma comunidade discursiva. Percebida, porém, a ironia do gesto do general, que pretende não ver qualquer gravidade nas denúncias feitas, a resposta dada pelo leitor / ouvinte do referido pronunciamento caminha em sentido inverso, a fim de reafirmar o confronto entre duas comunidades discursivas: a dos torturadores e simpatizantes do regime de exceção, de um lado, e, de outro, a dos torturados, seus amigos e familiares.

A estratégia para marcar a distância entre os dois momentos é a subversão do enunciado do presidente do STM: ao contrário do pretendido pelo general, as torturas denunciadas desestabilizaram muitas vidas – se não a dos generais, certamente a de inúmeras outras famílias. Tal inversão se dá pela produção de uma metáfora: “estragar muitas Páscoas sempre” já não se refere apenas ao prejuízo de um dia específico de festa, mas ao comprometimento de todos os dias do calendário na vida de quem sofreu a violência do período ditatorial no próprio corpo ou no corpo de um próximo. Em outras palavras, estragar a Páscoa passa a significar lesar, de modo irreversível, a vida de muitas pessoas.

4 Conclusão

“*Declare guerra a quem finge te amar*” (GOFFI; NEVES; FREJAT, 1986), diz a letra de uma canção da banda Barão Vermelho, na qual o sintagma “declarar guerra” tem um evidente sabor metafórico que poderia, talvez, ser parafraseado por “Estrague a Páscoa de quem finge te amar”. Tal paráfrase confirmaria o potencial metafórico do enunciado proferido naquela sessão do STM pelo Sr. Luis Carlos Gomes Mattos, que já se constatou em 3.4: (i) a entonação e os gestos do presidente do STM abrem a porta para uma leitura irônica que expressa a atitude de deboche e desprezo incompatível com a gravidade das denúncias de tortura praticadas pela ditadura – denúncias que “não estragaram a Páscoa de ninguém”, ou que se mantiveram muito aquém de uma “declaração de guerra”; (ii) a ironia incentiva no interlocutor uma

leitura metafórica, que, na qualidade de traço de responsividade dos enunciados (BAKHTIN, 1992, p. 290-291 [1979]), desqualifica politicamente o gesto de deboche ao insistir no que há de deplorável em atos de tortura, cuja magnitude em muito ultrapassa o mero “incômodo” sugerido pelo general.

Ainda que fosse fato que a notícia sobre torturas no período da ditadura não tivesse estragado “a Páscoa de ninguém”, como pretendeu o general, seria igualmente certo, pelo menos, que ela ainda ressoaria dois dias mais tarde, naquela sessão do STM, graças ao próprio general, e também em outros dias consecutivos, em matérias divulgadas por diferentes mídias.

Uma última observação merece ser feita em resposta à questão formulada ao final do item 3, referente à contribuição metodológica dos dispositivos de análise adotados para a depreensão do uso metafórico de uma expressão. A esse respeito, acredito haver reunido condições suficientes para avançar uma primeira resposta. O texto do grupo Pragglejaz fala do MIP como dispositivo de “agudização da intuição” do pesquisador (“*intuition-sharpener*”), que tem por efeito “alertá-lo para diferentes questões linguísticas e teóricas relacionadas ao debate sobre metaforicidade na linguagem e no pensamento” (PRAGGLEJAZ, 2007, p. 36). Não obstante a possível relevância dos procedimentos indicados pelo MIP – refiro-me ao caráter pormenorizado dos diferentes passos para a identificação de uma metáfora, dispositivo que não deixa de ostentar um certo cientificismo –, estou convencido de que uma intuição agudizada para a leitura metafórica de uma expressão encontra-se muito mais ligada a uma certa competência para a produção de metáforas por parte do locutor – seja ele pesquisador de metáforas ou não –, uma competência que, em grande parte, se deve a entonações e gestos, segundo se apresenta no corpúsculo analisado, como resposta desqualificante oferecida a um enunciado ofensivo como o do presidente do STM em “não estragou a minha Páscoa”. Em síntese, uma explícita manifestação da metáfora como estratégia de resistência. Afinal, foram

os leitores / ouvintes das diferentes mídias que, em resposta ao enunciado do presidente do STM, promoveram a metaforização da mesma expressão, numa atitude que, desafiando a insensibilidade ou, talvez, a vergonha dissimulada na fala do general, foi capaz de oferecer a justa resposta à ofensa sofrida, banindo negacionismos e repondo a história em seus trilhos.¹⁹

Meus agradecimentos a Constantino Tsallis, pelos esclarecimentos a respeito do conceito de não extensividade em mecânica estatística e sua relação com a produção de metáforas; também a Isabel C. Rodrigues, por compartilhar a tarefa de depreensão de metáforas no texto reproduzido em anexo.

Referências

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas – As não coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. O enunciado, unidade da comunicação verbal. In: BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Tradução (a partir do francês) de Maria Ermantina G. Gomes Pereira; revisão de trad. de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1992[1979].

BERNARDO, Sandra; VELOZO, Naira de A.; MARTINS, Caroline. Expressões metafóricas cotidianas. *Signo*, v. 41, n. 71, p. 45-53. Santa Cruz do Sul, jan./jun. 2016. DOI: <https://doi.org/10.17058/signo.v41i70.6143>

BARROS, Manoel de. O livro sobre nada. In: *Poesia completa* / Manoel de Barros. São Paulo: Leya, 2010 [1996].

DE MAN, Paul. *The Epistemology of Metaphor*. *Critical Inquiry*, vol 5, n° 1, Special Issue on Metaphor, p. 13-30. The University of Chicago Press, 1978. DOI 10.1086/447970

¹⁹ Tal sensibilidade às metáforas se reafirma do mesmo modo em manchete de Ricardo Kotscho, colunista do UOL de 21 de maio de 2022: “*General do STM tortura a gramática para não falar das torturas na ditadura*”. Certamente um chiste envolvendo as hesitações e os erros de dicção do general, descritos pelo colunista como um ato de “tortura da gramática”, sintagma que recupera metaforicamente o termo “tortura” que, pelo grave comprometimento que implica, fora recalçado no pronunciamento do militar. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/balaio-do-kotscho/2022/04/21/general-do-stm-tortura-a-gramatica-para-nao-falar-das-torturas-na-ditadura.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 09 maio 2022.

DEUSDARÁ, Bruno; ROCHA, Décio. *Análise Cartográfica do Discurso* – temas em construção. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2021, 395p.

DIENSTBACH, Dalby. Metaforicidade: um aspecto do gênero. *Fórum linguístico*, Florianópolis, v.14, n.1, p.1767- 1778, jan./mar. 2017. DOI <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2017v14n1p1767>

FICO, Carlos. “Carlos Fico, historiador da UFRJ, fala dos áudios que comprovam a tortura durante a ditadura militar”. Entrevista concedida ao Jornal da CBN. Youtube, 18 de abril de 2022a. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LI_jRzHAf4g. Acesso em: 29 abr. 2022.

FICO, Carlos. “Áudios da ditadura militar – entrevista com Carlos Fico”. Entrevista concedida ao site Brasil 247. Entrevistadora: Andrea Trus. Youtube, abril de 2022b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=t9H7SQQ0zXg>. Acesso em: 29 abr. 2022.

GOFFI, Guto; NEVES, Ezequiel; FREJAT, Roberto. Declare guerra. In: Barão Vermelho. *Declare Guerra*: Columbia, 1986. 1 disco sonoro LP. Lado B, faixa 1.

HOUAISS, Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução de Mara Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: EDUC, 2002 [1980]. 360p.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Tradução de Freda Indursky. Campinas, SP: Pontes, 1989 [1987], 198p.

MATTOS, Luis Carlos G. “Não estragou a Páscoa de ninguém”, diz presidente do STM. Youtube, abr. 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/justica/relato-de-tortura-nao-estragou-a-pascoa-diz-presidente-do-stm/> Acesso em: 19 abr. 2022.

MOURA, Heronides; VEREZA, Solange; ESPÍNDOLA, Lucienne. Metáfora e contexto: entre o estável e o instável. *Interdisciplinar*, Edição Especial ABRALIN/SE, Itabaiana/SE, Ano VIII, v.17, jan./jun. 2013. *OED - Oxford English Dictionary*. Oxford University Press, 2009. Disponível em: <https://www.lexico.com/definicion/metaphoricity>. Acesso em: 24 abr. 2022.

PAUWELS, Paul. Levels of metaphorization: the case of “put”. In: GOOSSENS, Louis et al. (Org.). *By word of mouth: metaphor, metonymy and linguistic action in a cognitive perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. 125-158.

PRAGGLEJAZ GROUP. MIP: A Method for Identifying Metaphorically Used Words in Discourse. *Metaphor and Symbol*, New York, v.22:1, p.1-39, 2007. DOI 10.1207/s15327868ms2201_1.

ROCHA, Décio. Representação e intervenção: produção de subjetividade na linguagem. *Gragoatá* (UFF), v. 21, p. 355-372, 2006.

ROCHA, Décio. Representar e intervir: linguagem, prática discursiva e performatividade. *Linguagem em (Dis)curso (on-line)*, v. 14, p. 619-632, 2014. DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-140310-4513>.

SCHMITT, Rudolph. Systematic metaphor analysis as a method of qualitative research. *The Qualitative Report*, 10, p.358–394, 2005.

SILVA, Augusto S. da; LEITE, Jan Edson R. Apresentação: 35 anos de Teoria da Metáfora Conceptual Fundamentos, problemas e novos rumos. *Revista Investigações*, vol. 28, nº 2, Julho/2015.

TSALLIS, Alexandra C.; TSALLIS, Constantino; MAGALHAES, Aglae C. N. de; TAMARIT, Francisco A. Human and Computer Learning: An Experimental Study. *Complexus*, Original Research papers, v. 1, n.4, p. 181-189, 2003.

VEREZA, Solange C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 7, n. 3, p. 487-506, set./dez. 2007.

VEREZA, Solange C. O lócus da metáfora: linguagem pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição*, Niterói, nº 41, p. 199-212, 2010

VEREZA, Solange C. “Metáfora é que nem...”: cognição e discurso na metáfora situada. *Signo*, v. 38, n. 65, p. 2-21. Santa Cruz do Sul, RS: UNISC, 2013. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/signo>. Acesso em: 27 abr. 2022.

VOLOSHINOV, Valentin N. Le discours dans la vie et le discours dans la poésie. In: TODOROV, Tzvetan. *Mikhail Bakhtine, le principe dialogique*, suivi de *Écrits du Cercle de Bakhtine*. Paris: Seuil, 1981[1926].

ANEXO – Transcrição de parte do pronunciamento do general LCM, em sessão realizada no STM em 19 de abril de 2022

[...] espero que todos tenham tido... um bom ... bom... uma boa Páscoa ... né... tivemos aí alguns... comentÁrios contra o nosso Tribunal, (ou) contra [né] a justiça militar de uma maneira geral ... o mini... o ... coronel Campos que é o nosso ascom [assessor de comunicação] me passou tudo que aconteceu, eu tava lá em Curitiba, como os senhores sa..sabem, mas nós não temos... somos absolutamente transparente nos nossos julgamento ... então, aquilo aí ... é... a gente já sabe os motivos do porquê que isso tem ... tá...tem a ... tem tem acontecendo, agora né, nesses últimos dias aí, seguidamente, por várias... por várias direções, querendo atingir forças armadas, o exército, a marinha, a aeronáutica e... num... sem dúvida, nós, que somos quem cuida da... da ... disciplina, hierarquia, que são nossos pilares, nosso nos... nossas forças armadas, mas eu fal... disse ao coronel Campos nosso ascom, né, que não... é... nada não faríamos nada, não temo resposta nenhuma pra dar, hum... simplesmente... ignoramos uma notícia TENDENCIOSA daquela que nós saBEMos o motivo, né, então, aconteceu aí durante a páscoa, garanto que não estragou a páscoa de ninguém, que a minha não estragou... viu ... garanto que não estragou a páscoa de nenhum de nós... apenas, a gente fica incomodado que, vira e mexe vem, num num num num tem nada pra buscar... hoje, vão buscar em passado, rebuscar o passado, agora, vão rebuscar o passado, vão ... SÓ VARREM UM LADO, não varrem o outro, e é sempre assim, nós já estamos acostumado que isso... com isso, né, então, deixa pra lá, vamo continuar... conduzindo nosso trabalho, como sempre o fazemos, da melhor maneira possível, e nós tamo mostrando isso, é... pra todos, como nós... é... conduzimos nosso trabalho, às vezes dói, entendeu, às vezes dá vontade de você responder, sacudir, mostrar, NÃO ADIANTA, VOCÊ VAI SACUDIR, NUM VAI NUM VAI ADIANTAR NADA porque NÃO MUDA, não muda... né? passam ... passam-se os ANOS e a pessoa diz as mesmas coisas, as mesmas BESTEIRas, as mesmas idiotices, viu... e... nós vamos ficar respondendo? não... na minha opinião, entendeu? muito bem meus senhores [...]